

A TOPONÍMIA DAS LOCALIDADES RURAIS DO MUNICÍPIO DE DOURADOS (MS)

Marilze TAVARES¹

RESUMO: Neste trabalho apresentamos tendências verificadas na nomeação de localidades/propriedades rurais (fazendas, sítios, povoados...) do município de Dourados (MS). Os topônimos foram coletados de mapas digitalizados da escala de 1:100.000, disponibilizados pelo IBGE (2010), e analisados conforme os pressupostos teóricos de Dick (1990, 1992) para a discussão de aspectos motivacionais, estrutura morfológica e língua de origem. A análise evidenciou que os aspectos motivacionais que mais se destacam no processo de nomeação são os de natureza antropocultural, especialmente os relacionados à religiosidade (*hierotopônimos/hagiotopônimos*) e às impressões do denominador sobre o local (*animotopônimos*); quanto à forma dos signos toponímicos, prevalecem os de estrutura composta; e no que se refere à origem linguística, destaca-se a língua portuguesa, com relativamente pouca incidência de nomes indígenas, apesar da significativa presença dessa população na região pesquisada.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Toponímia. Localidades rurais. Mato Grosso do Sul.

Introdução

A toponímia de Mato Grosso do Sul vem sendo estudada de forma mais sistematizada desde o início dos anos 2000. Cinco pesquisadoras – Schneider (2002), Dargel (2003), Tavares (2004), Gonsalves (2004) e Tavares

¹ Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *E-mail*: marilze.tavares@terra.com.br

(2005) – tendo em vista seus trabalhos de mestrado, coletaram, organizaram e analisaram os nomes dos acidentes físicos (córregos, rios, morros, serras...) de todo o Estado. Esses trabalhos subsidiaram, com seus dados, o Projeto Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul – ATEMS – sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Atualmente o referido Projeto encontra-se em fase de ampliação dos dados de seu banco de armazenamento² e os atuais pesquisadores vinculados a ele começam a realizar coleta e estudo dos nomes de acidentes humanos rurais do estado (fazendas, sítios, colônias, povoados) que figuram nos mapas do IBGE de 2010, da escala de 1:100.000.

Nesse contexto, apresentamos um estudo panorâmico da toponímia rural do município de Dourados (MS), que se constitui como um recorte da toponímia de acidentes humanos rurais de Mato Grosso do Sul. Em geral, as pesquisas toponímicas têm como objetivo investigar em que proporção particularidades ambientais como as riquezas naturais – a fauna, a flora, a diversidade de cursos d'água – e aspectos sócio-histórico-culturais influenciam o sistema de nomeação dos acidentes geográficos.

Assim, consideramos esse também o objetivo principal deste trabalho. Além disso, a pesquisa visa ainda a contribuir para ampliação dos dados do banco de dados do Projeto ATEMS uma vez que o *corpus* coletado será armazenado no referido banco, o que permitirá que seja estudado, posteriormente, sob outras perspectivas.

Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa

Em geral, os nomes de lugares são estudados a partir de três perspectivas: a de seu plano motivacional, a de sua estrutura (morfologia) e a de sua língua

² Convém registrar que já houve outros momentos de ampliação de dados do referido banco. Os primeiros dados foram coletados, basicamente, em mapas de escala de 1:250.000 e depois complementados com a coleta em mapas de escala de 1:100.000.

de origem (etimologia). Como pretendemos oferecer uma visão geral da toponímia rural dos acidentes humanos de Dourados, a análise aqui apresentada considera esses três aspectos.

No que se refere ao plano motivacional, optamos por utilizar o modelo taxionômico de Dick (1992, p. 31-34). A autora propõe que os nomes sejam divididos em duas categorias maiores – os de natureza física e os de natureza antropocultural; cada uma dessas duas categorias é subdividida conforme o elemento/ideia que teria motivado o denominador no ato da atribuição do nome. O Quadro 1, a seguir, mostra que o modelo é subdividido em 27 categorias – 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural.

Quadro 1: Taxionomias toponímicas quanto à motivação

Taxionomias de natureza física			
N.	Categorias	Elementos motivadores	Exemplos (do corpus)
01	astrotopônimos	corpos celestes	Fazenda <i>Sol Brilhante</i>
02	cardinotopônimos	posições geográficas	Fazenda <i>Oriente</i>
03	cromotopônimos	cores, escala cromática	Fazenda <i>Dourada</i>
04	dimensiotopônimos	dimensões – extensão, largura, altura, profundidade	Fazenda <i>Guassuzinho</i>
05	fitotopônimos	vegetação	Fazenda <i>Cedro</i>
06	geomorfotopônimos	formas topográficas	Fazenda <i>Planalto</i>
07	hidrotopônimos	hidrografia	Fazenda <i>Água Branca</i>
08	litotopônimos	itens de índole mineral e aspectos relativos à constituição do solo	Fazenda <i>Barro Preto</i>
09	meteorotopônimos	fenômenos atmosféricos	Cachoeira <i>Trovoada*</i>
10	morfotopônimo	formas genéricas	Fazenda <i>Forquilha</i>
11	zootopônimos	animais	Fazenda <i>Uirapuru</i>

Taxionomias de natureza antropocultural			
N.	Categorias	Elementos motivadores	Exemplos (do corpus)
01	animotopônimos	vida psíquica, cultural espiritual	Fazenda <i>União</i>
02	antropotopônimos	nomes próprios individuais, sobrenomes e apelidos	Fazenda <i>Amaral</i>
03	axiotopônimos	títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais	Fazenda <i>Dom Florindo</i>
04	corotopônimos	nomes de cidades, estados, países, regiões, continentes	Fazenda <i>Belo Horizonte</i>
05	cronotopônimos	indicadores cronológicos, representados pelos adjetivos novo/nova, velho/velha	Fazenda <i>Nova Viçosa*</i>
06	ecotopônimos	tipos de habitações	Fazenda <i>Toca do Lobo</i>
07	ergotopônimos	objetos, itens da cultura material	Fazenda <i>Moeda</i>
08	etnotopônimos	indicadores étnicos	Fazenda <i>Gaúcha</i>
09	dirrematotopônimos	nomes constituídos por frases ou enunciados linguísticos	Igarapé <i>Vai quem quer*</i>
10	hierotopônimos	entidades/temas sagrados de diferentes crenças	Fazenda <i>Santa Cruz</i>
12	historiotopônimos	movimentos históricos, seus membros, bem como às datas correspondentes	Fazenda <i>Bandeirantes</i>
13	hodotopônimos	vias de comunicação rural ou urbana	<i>Córrego do Atalho*</i>
14	numerotopônimos	numerais	Fazenda <i>Dois Irmãos</i>
15	poliotopônimos	nomes constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial	<i>Vila Serraria (povoado)</i>

16	sociotopônimos	atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade	Fazenda <i>Potreiro</i>
17	somatotopônimos	nomes empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal	Córrego <i>Dedo Cortado*</i>

Fonte: a própria autora, baseada em Dick (1992, p. 31-34).

*Exemplos utilizados por Dick (1992, p. 32), por não existirem outros no *corpus* deste trabalho.

Em geral, é na motivação que mais verificamos aspectos da vinculação da nomeação com a realidade da região da qual os nomes são coletados. Por essa razão, como será possível verificar no decorrer deste artigo, nos detivemos um pouco mais nesse item da análise.

No que se refere à análise da estrutura dos nomes geográficos, Dick (1992, p. 10) explica que “o topônimo, em sua formação na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente geográfico que o identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem seus termos formadores”. Desse conjunto, podemos depreender o *termo ou elemento genérico* e o *elemento ou termo específico*.

O *termo ou elemento genérico* é aquele relativo à entidade geográfica que será um acidente físico como rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro, serra ou um acidente humano como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes (enfim, os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas). Já o *termo ou elemento específico* é aquele que particulariza a entidade geográfica, distinguindo-a das demais semelhantes.

Sobre essa questão, recuperamos as palavras do toponimista venezuelano Salazar-Quijada:

Para indicar algo que vemos a quien está con nosotros, basta señalarlo con el dedo. Pero si deseamos referirnos a algo que está lejos o que vimos en otra ocasión, lo

hemos de denominar. Pueda que baste con el término genérico: el río, la montaña... Pero si los ríos e las montañas que conocemos son diversas, precisa distinguirlos; o sea, darles un nombre propio [...]³ (1985, p. 8)

Dessa forma, considerando os dados que constituem o *corpus* deste trabalho, tomando como exemplo o conjunto ou relação binômica *Fazenda Formosa*, temos “Fazenda” como *elemento genérico* e “Formosa” como *elemento específico*, o nome próprio, o topônimo propriamente dito.

Tendo isso ficado esclarecido, acrescentamos ainda que, para a análise da estrutura morfológica, consideramos *simples* aquele topônimo, cujo *termo específico* se define por apenas um formante (*Fazenda Renata*), e *composto* aquele constituído de mais de um formante (*Fazenda Vista Alegre*). Ademais, tanto os topônimos *simples* como os *compostos* podem conter em sua estrutura elementos da mesma língua ou de línguas distintas – quando isso é possível de ser verificado por meio das pesquisas em obras lexicográficas, podemos classificar esses nomes específicos em *simples híbridos* (*Fazenda Guassuzinho* = *Guassu/tupi* + *-zinho/português*) ou *compostos híbridos* (*Fazenda Rincón Porã* = *Rincón/espanhol* + *Porã/guarani*).

Além da motivação e da estrutura, a língua de origem também costuma ser foco de estudo quando se investiga a toponímia de uma região. Para esse tipo de análise, a pesquisa costuma centrar-se na consulta a obras lexicográficas, especialmente aquelas que destacam a etimologia. Para este trabalho, consultamos, conforme a necessidade de cada nome, os seguintes dicionários: *Dicionário on line Caudas Aulete*, *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (CUNHA, 1998), *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA, 1986), *O tupi na geografia nacional* (SAMPAIO, 1987), *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes* (GUÉRIOS, 1981), *Diccionario*

³ Para indicar algo que vemos a quem está conosco, basta mostrá-lo com o dedo. Mas se desejamos nos referir a algo que está longe ou que vimos em outra ocasião, temos que nomeá-lo. Pode ser com um termo genérico: o rio, a montanha. Mas se os rios e as montanhas que conhecemos são diversos, precisamos distingui-los, ou seja, dar-lhes um nome próprio (tradução nossa).

castellano-guarani; guarani-castellano (GUASCH; ORTIZ, 1998), *Avañe'ẽ-Portuge/Portuge-avañe'ẽ*. *Dicionário guarani-português/português-guarani* (ASSIS, 2008).

Após conferência dos topônimos nas obras lexicográficas citadas, eles puderem ser analisados conforme sua língua de origem, como por exemplo: *português*⁴ (Fazenda *Palma*), *tupi* (Fazenda *Peroba*), *português + tupi* (Fazenda *Otaviano Cuê*) entre outras combinações de origens linguísticas.

Conforme já assinalado na introdução deste trabalho, os dados foram coletados do mapa digital do município de Dourados, da escala de 1:100.000, disponibilizado pelo IBGE (2010, modificados em 2012). No total, 252 nomes de fazendas e povoados, basicamente, constituem o *corpus* desta pesquisa. Na sequência, apresentamos algumas informações sobre Dourados, município a que a pesquisa se refere.

Breves informações sobre Dourados

Dourados é a segunda maior cidade do estado de Mato Grosso do Sul e se localiza no Conesul do Estado; situa-se a aproximadamente 220 quilômetros da capital, Campo Grande. De acordo com informações do *site* do IBGE, o Censo (BRASIL, 2010) contabilizou uma população de 196.035 no município; já em 2014, a estimativa é que a população estivesse em 210.218, vivendo em uma área de unidade territorial de 4.086.237 km².

Entre seus colonizadores, o que se tornou mais conhecido foi Marcelino Pires, cujo nome, em sua homenagem, foi dado à principal avenida da cidade – Avenida *Marcelino Pires*. Esse colonizador se dedicou, principalmente, à criação de gado, ocupando uma grande área de terras, onde se localiza atualmente o município de Dourados. Convém mencionar que, antes da colonização, a região era habitada por indígenas das etnias Terena e Kaiowá, cuja presença de

⁴Esclarecemos que, quando verificada a origem do latim, mas o vocábulo está “atualizado” nos dicionários de língua portuguesa, anotamos a origem linguística como “português” apenas.

descendentes, sobretudo Kaiowá, é muito significativa ainda hoje no município, criado, oficialmente, em 1935, agregando áreas do município de Ponta Porã.

Ainda dentre os aspectos da história do município, citamos a criação, em 1943, da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND, que atraiu grandes levas de imigrantes brasileiros e estrangeiros os quais passaram a se dedicar principalmente ao cultivo do café. A implantação da CAND, segundo Oliveira (1999, p. 150), fazia parte de uma estratégia do governo Getúlio Vargas que, com a criação das Colônias Agrícolas Nacionais, almejava a fixação do homem no campo através da implantação de pequenas propriedades.

Atualmente, dentre as atividades econômicas do município, destacam-se, principalmente, aquelas ligadas ao agronegócio.

Análise dos dados

Na sequência passamos à análise dos topônimos, tendo em vista a motivação, a estrutura morfológica e a língua de origem.

Sobre o plano motivacional

Reiteramos que, quanto à motivação, conforme o modelo adotado para esta pesquisa, podemos ter 27 categorias. Dessas, apenas quatro não foram localizadas entre os dados: *dirrematopônimos*, *hodotopônimos*, *meteorotopônimos*, *somatotopônimos* (ver Quadro 1). Para análise, optamos por apresentar considerações a respeito das quatro categorias que obtiveram maior destaque: *hierotopônimo/hagiotopônimos*, com 50 ocorrências; *animotopônimos*, com 39; *fitotopônimos*, com 32; *antropotopônimos*, com 25; *hidrotopônimos*, com 18.

Conforme já explicado, na categoria dos *hierotopônimos* são incluídos “nomes consagrados a diferentes crenças, de associações religiosas e de seus membros, locais de culto, além de datas relativas a tais circunstâncias”

(DICK, 1990, p. 310-311). A autora ainda divide a categoria em *hagiotopônimos*, quando fizerem referência a nomes de santos e santas, e em *mitotopônimos*, quando se referirem a entidades mitológicas.

Analisando os dados, verificamos que a grande incidência recai sobre os nomes de santos e santas. São os seguintes os nomes de santos coletados: Fazenda *Santo Amaro*, Fazenda *Santo Antônio* (02),⁵ Fazenda *São Bento*, Fazenda *São Carlos*, Fazenda *São Dionísio*, Fazenda *São Domingos*, Fazenda *São João* (02), Fazenda *São Joaquim* (02), Fazenda *São José* (05), Fazenda *São Marcos*, Fazenda *São Martinho*, Fazenda *São Paulo*, Fazenda *São Pedro* (02), Fazenda *São Sebastião* (02). Já os nomes de santas foram os seguintes: Fazenda *Nossa Senhora Aparecida* (03), Fazenda *Nazaré*, Fazenda *Santa Amélia*, Fazenda *Santa Aristídia*, Fazenda *Santa Ana*, Fazenda *Santa Branca*, Fazenda *Santa Cecília*, Fazenda *Santa Clara*, Fazenda *Santa Cláudia*, Fazenda *Santa Emília*, Fazenda *Santa Hilda*, Fazenda *Santa Isabel*, Fazenda *Santa Luzia*, Fazenda *Santa Maria* (03), Fazenda *Santa Paula*, Fazenda *Santa Tereza* (02), Fazenda *Santa Terezinha*.

De modo geral, as pesquisas toponímicas revelam menor produtividade dos *hagiotopônimos* femininos em relação aos masculinos – isso foi apontado por Dick (1990) sobre a toponímia de São Paulo e por Aguilera e Bergantini (2002) sobre a toponímia do Paraná. Os dados deste trabalho que, lembramos, têm a especificidade de referir-se a acidentes humanos da área rural, no entanto, mostram que as quantidades são aproximadamente equivalentes.

A respeito dos *hagiotopônimos*, vale registrar que existe a proposta de Lima (1997, p. 425) de subdividir os *hagiotopônimos* em “autênticos” e “aparentes”. Isso poderia ser útil para ajudar a explicar casos em que os santos e santas não são de fato a motivação primeira e principal; em alguns casos, os “santos” e “santas” não existem no hagiológico católico. O que ocorre é que, na verdade, o denominador utiliza seu próprio nome ou o de alguém de sua

⁵ Os números entre parênteses na frente dos topônimos indicam a quantidade de vezes em que os nomes aparecem no mapa de onde foram coletados.

família – filho(a), esposa(o), pai/mãe etc. – e, para empregá-lo como nome de uma propriedade rural ou localidade rural, antecede-o com os termos “são”, “santo” ou “santa”. Como, porém, consideramos complexa essa subdivisão por falta de informações confiáveis que comprovem a santidade, apenas mencionamos a existência dessa proposta de divisão, mas não a adotamos para este trabalho.

Convém lembrar que o emprego de nomes de santos e de santas para nomear acidentes físicos e humanos é comum em todo o país. Isso ocorre, certamente, porque o homem sempre reservou e sempre reservará em seu espírito um espaço para a faceta mística. Conforme registra Dick,

[...] os motivos religiosos sempre foram uma constante nos diversos períodos da história do país, desde o seu descobrimento até os dias de hoje, como legado de um patrimônio sócio-cultural português, que se procurou conservar respeitar como uma das tradições mais caras ao espírito da nação. (1990, p. 320)

A análise dos dados evidencia que a cultura religiosa que sobressai na toponímia da região estudada é a portuguesa, já que santos da Igreja Católica sempre motivaram nomes de acidentes físicos e humanos não só na região desta pesquisa, mas em todo o território brasileiro. É importante destacar que, apesar da significativa presença indígena na região, não observamos influência dessa cultura religiosa no recorte toponímico, o que pode ser explicado pelo fato de que os nomes, sobretudo das fazendas (que são a maioria no *corpus*), são atribuídos pelos proprietários, que, em geral não são indígenas, e dificilmente fazem homenagem à cultura religiosa dessa população.

Além dos *hagiotopônimos* mencionados, coletamos ainda os *hierotopônimos* Fazenda *Bom Jesus*, Fazenda *Missões*, Fazenda *Santos Anjos* e Fazenda *Santa Cruz*. Novamente verificamos a crença de tradição cristã refletida nos nomes. Há que se mencionar, ainda, que o topônimo *Missões* foi incluído nessa categoria, tendo em vista a seguinte acepção da palavra,

registrada por Caudas Aulete: “Conjunto de religiosos que se dedicam à evangelização (missão católica/evangélica)”.

A segunda categoria mais produtiva no *corpus* foi a dos *animotopônimos*, que, conforme explica Dick, podem ser chamados também de *nootopônimos* e são aqueles relacionados “à vida psíquica, à cultural espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física” (1992, p. 32). Entre os dados coletados, foram incluídos nessa categoria os seguintes designativos: Fazenda *Amparo*, Fazenda *Bálsamo* (02), Fazenda *Bela Vista*, Fazenda *Boa Sorte*, Fazenda *Boa Vista* (03), Fazenda *Bom Princípio*, Fazenda *Bonanza*, Fazenda *Consolo*, Fazenda *Eldorado*, *Engano* (povoado), Fazenda *Formosa* (02), Fazenda *Iporã*⁶, Fazenda *Maravilha*, Fazenda *Mimosa*, Fazenda *Nova Esperança* (02), Fazenda *Paraíso*, Fazenda *Paraízo*, Fazenda *Recanto* (03), Fazenda *Recanto Feliz*, Fazenda *Recreio*, *Retiro Canaã* (povoado), *Retiro Tangará* (povoado), Fazenda *Revolta*, Fazenda *Rincão*, Fazenda *Rincão do Joca*, Fazenda *Rincon Porã*, Fazenda *Triunfo* (02), Fazenda *União*, Fazenda *Vista Alegre* (02), Fazenda *Yverá*.⁷

Isquerdo (1996, p. 118) propõe, para a categoria do *animotopônimos*, uma subdivisão que se fundamenta no tipo de impressão que cada nome sugere. Assim, aqueles que denotam “impressão agradável/otimista” seriam *animotopônimos eufóricos* e os que denotam “impressão desagradável/temeridade”, *animotopônimos disfóricos*. Já havíamos constatado, em relação à toponímia de acidentes físicos da mesma região (TAVARES, 2004), que, ainda que os nomes disfóricos sejam comuns na toponímia, a tendência será sempre pelos eufóricos.

⁶ Conforme Guasch e Ortiz (2001) e Assis (2008), o vocábulo *porã*, do tupi, significa em português “bom”, “bonito”, “agradável”; já a anteposição do “i” pode equivaler ao verbo “ser” em *Iporã* (é bonito), assim como também em outros exemplos como *ipuku* (é comprido), *ivai* (é ruim).

⁷ Para inclusão de *Yverá* nessa categoria, consideramos o seguinte sentido do vocábulo básico: “brilho, resplendor [...]” (GUASCH; ORTIZ, 2001, Tradução nossa: “brillo, resplendor [...])). Ver também explicação da nota anterior sobre anteposição do “i”.

Entre os dados deste trabalho, apenas dois dos *animotopônimos* são *disfóricos*: Fazenda *Revolta* e *Engano* (povoado). O vocábulo *revolta*, conforme *Caldas Aulete*, tem entre outros sentidos o de “forte sentimento de indignação”; já *engano* seria “erro que se comete ao agir, falar ou pensar, por descuido ou ignorância”.

Mas o que teria levado o denominador à escolha desses nomes relativamente disfóricos? No âmbito desta pesquisa ficamos sem essa resposta. Quando na história escrita da região nada é possível verificar que explique determinado nome, o pesquisador ainda, conforme suas decisões metodológicas, poderá procurar informações a partir de fontes orais. Entretanto, é preciso esclarecer que, nas investigações toponímicas, a explicação de cada nome em particular interessa menos que as tendências gerais observadas, uma vez que isso é que relaciona o processo de nomeação com a história, com a cultura, com as características físicas da região. Além disso, Dick já havia advertido:

Nem sempre na toponímia, se pode explicar, de modo objetivo, a existência de um determinado nome. Consegue-se, muitas vezes, vincular o fato onomasiológico a um motivo aparente, mas a verdadeira razão-de-ser do topônimo, a sua causalidade necessária e única pode estar ligada a fatores que transcendem ao procedimento de verificação momentânea. (1990, p. 351)

Entendemos que a advertência de Dick vale para topônimos de todas as categorias e não apenas para *animotopônimos disfóricos* ou *eufóricos*.

Como já afirmamos, a tendência é pelos nomes que denotam sentimentos positivos e agradáveis, talvez porque o denominador, mesmo que inconscientemente, acredita que o nome poderá interferir, de alguma forma, nos referentes nomeados. Aguilera e Bergantini também compartilham dessa ideia:

[...] no ato da denominação de qualquer lugar: um rio, uma propriedade rural, um escritório, uma clínica, ninguém pensa em nomes disfóricos: ao contrário, se

privilegiam nomes com cargas positivas, que traduzam estados de espírito eufóricos, como esperança, progresso, renascimento, nascer do dia, primavera, acreditando-se no poder transformador da palavra; assim, por meio do nome do lugar que conquistou, o homem manifesta seu estado de espírito, sua ideologia, sua fé. (2002, p. 148)

Apenas a título de exemplo, transcrevemos o significado – registrado no dicionário *Caudas Aulete* – de alguns vocábulos utilizados como nomes de fazendas da região pesquisada (*Amparo*, *Bálsamo*, *Triunfo*):

Amparo: “Pessoa ou objeto que protege, que serve de apoio ou de abrigo [...]”

Bálsamo: “O que proporciona sensação de bem-estar físico e espiritual; ALENTO; ALÍVIO; CONFORTO [...]”

Triunfo: “Grande êxito [...]”, “Aclamação festiva, ruidosa [...]”

Se, por um lado, não é possível, ou é muito difícil, recuperar os motivos exatos da nomeação, por outro, esse tipo de topônimo é, em certa medida, transparente no que se refere à motivação. Ao analisar o sentido desse tipo de signo em função toponímica, entendemos o que afirma Dick: “o próprio desdobramento da tipologia em questão fala por si só, não sendo preciso acrescentar maiores dados” (1990, p. 351).

Ainda assim, reiteramos, pautados novamente em Dick (1992, p. 35), que, para uma melhor compreensão dos topônimos inseridos nessa taxa, seria necessária uma pesquisa que, de alguma forma, pudesse recuperar com mais exatidão as características do espaço nomeado para se verificar até que ponto as circunstâncias ambientais teriam influenciado na motivação, ou apenas se as condições subjetivas ou psíquicas do denominador estariam presentes nos nomes escolhidos para os acidentes físicos e humanos.

A terceira categoria mais recorrente foi a dos *fitotopônimos* – “topônimos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade [...], em conjuntos da mesma espécie [...], ou de espécie diferentes [...], além de formações não espontâneas individuais [...] ou em conjunto” (DICK, 1992, p. 31). Foram os

seguintes os *fitotopônimos* localizados no *corpus* desta pesquisa: Fazenda *do Capão*, *Café do Alto* (povoado), *Capão da Jaboticaba* (povoado), Fazenda *Capão do Meio*, Fazenda *Flamboyant*, Fazenda *Araçá*, Fazenda *Bosque do Ipê*, Fazenda *Capão da Anta*, Fazenda *Capão Rico*, Fazenda *Cedro*, Fazenda *Coqueiro*, Fazenda *Jaraguá*, Fazenda *Jataí*, Fazenda *Jatobá*, Fazenda *Laranja Azeda*, *Laranja Lima* (povoado), Fazenda *Laranjinha*, Fazenda *Limeira*, Fazenda *Mata Azul* (02), *Mato da Madeira* (povoado), Fazenda *Palma*, Fazenda *Palma I*, Fazenda *Palma II*, Fazenda *Palmital*, Fazenda *Peroba*, Fazenda *Taboca*, Fazenda *Taquara* (02), Fazenda *Taquaral* (02), *Taquaruçu* (povoado).

Analisando os topônimos incluídos nessa categoria, constatamos que, conforme explica Dick, as espécies vegetais podem ser “individuais espontâneas” (1992, p. 31): Fazenda *Cedro*, Fazenda *Coqueiro*, Fazenda *Jaraguá*; conjuntos da mesma espécie: Fazenda *Palmital*, Fazenda *Taquaral*; “conjunto de espécies diferentes”: Fazenda *Capão do Meio*, Fazenda *Mata Azul*, Fazenda *Bosque do Ipê*; “espécies individuais não espontâneas”: Fazenda *Laranja Azeda*, Fazenda *Laranja Lima*.

A grande incidência dos *fitotopônimos* não apenas no recorte desta pesquisa, mas na toponímia em geral, justifica-se pela indiscutível importância dos vegetais para o homem, para os animais, para a terra. A. J. de Sampaio⁸ (apud DICK, 1990, p. 146) registra que “todo mundo conhece numerosas plantas úteis, campestres e florestais; geralmente se compreende o papel protetor das florestas para os mananciais; não há quem desconheça a utilidade de uma árvore frutífera, ornamental ou de sombra”.

A questão da etimologia dos topônimos será examinada mais à frente, mas já vale chamar a atenção para o fato de que, entre os *fitotopônimos*, a incidência de vocábulos de origem indígena é bastante significativa. Sobre essa questão, isto é, sobre a influência indígena na toponímia de certos acidentes

⁸ SAMPAIO, A. J. de. **Fitogeografia do Brasil**. 2. ed. rev. aum. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938. (Biblioteca Pedagógica Brasileira – Série Brasileira, 35).

geográficos físicos ou humanos, consideramos que, em muitos casos, a influência indígena não se deu diretamente na toponímia. Em outras palavras, a herança de vocábulos de língua indígena está nos nomes relativos à vegetação, em todo o território brasileiro de modo geral – assim como nos nomes de animais e outros itens da natureza – que depois foram empregados como designativos geográficos.

Ainda sobre os fitotopônimos, acrescentamos que, em geral, a escolha do nome para o acidente físico ou humano é motivada pela presença da vegetação no local ou próxima ao acidente, que teria, por alguma razão, chamado a atenção do denominador. Observando os nomes incluídos nessa categoria, constatamos que todas as espécies (individuais, em conjunto, espontâneas ou não espontâneas) são comuns na região, o que aponta para a confirmação de que o ambiente, neste caso, físico, interfere no ato de nomear. Os semanticistas Ullmann (1964) e Alinei (1993) mencionam as ideias de palavras “opacas” e palavras “transparentes”. Pensando nessas noções, podemos considerar os *fitotopônimos* como signos linguísticos “transparentes”, cuja motivação é inspirada na vegetação.

A quarta categoria de maior destaque nos nomes dos acidentes humanos rurais da área investigada foram os *antropotopônimos*, que são os topônimos relativos aos nomes individuais de pessoas. Os seguintes topônimos foram incluídos nessa categoria: Fazenda *Antolin*, Fazenda *Almeida*, Estância *Amaral*, Fazenda *Angelin*, Fazenda *Azambuja*, Fazenda *Berté*, Fazenda *Cabral de Ara*, Fazenda *Dudu*, Fazenda *Fleury Paraguaçu*, Fazenda *Maria Madalena*, Fazenda *Maria Maristela*, Fazenda *Miya*, Fazenda *Nilton N. Fuji*, Fazenda *Oswaldo Carbonari*, Fazenda *Otaviano Cuê*, Fazenda *Padilha Cuê*, Fazenda *Palmira*, Fazenda *Paloma*, Fazenda *Patrícia*, Fazenda *Paulo Guavira*, Fazenda *Renata*, Fazenda *Santana*, Fazenda *do Tetê*, Fazenda *Wilson*. Esse tipo de topônimo pode ser formado de apenas um elemento ou ter diferentes tipos de combinações, conforme se observa nos exemplos destacados a seguir:

- (1) *Prenomes*: Fazenda *Antolin*, Fazenda *Paloma*, Fazenda *Patrícia*
- (2) *Hipocorístico*⁹: Fazenda *Dudu*
- (3) *Prenome + alcunha*: Fazenda *Otaviano Cuê*, Fazenda *Padilha Cuê*
- (4) *Sobrenomes*: Fazenda *Almeida*, Fazenda *Amaral*, Fazenda *Azambuja*
- (5) *Prenomes + sobrenomes*: Fazenda *Nilton N. Fuji*, Fazenda *Oswaldo Carbonari*

Dick (1990, p. 294) afirma que a Antroponímia e a Toponímia são duas áreas que se interseccionam. É comum observarmos que os nomes de pessoas são empregados como designativos de lugar assim como os nomes de lugares podem vir a ser utilizados como nomes de pessoas. A autora lembra que “Américo Vespúcio pôde emprestar seu nome pessoal ao Novo Mundo, da mesma forma que a República Argentina transforma-se em antropônimo comum a tantas pessoas de diferentes localidades”.

Em geral, em relação aos nomes dos acidentes humanos rurais – quando são fazendas e sítios – o antropônimo atribuído é o do proprietário ou proprietária. Vale ressaltar que os nomes masculinos prevalecem em relação aos femininos. Essa tendência já havia sido verificada por Tavares (2004) em relação à nomeação de acidentes físicos da mesma região. Do mesmo modo, em estudo realizado acerca da toponímia paranaense, Aguilera e Bergantini (2002, p. 151) discutem o lugar da mulher nos nomes geográficos e concluem pela predominância da imagem masculina tanto nos *antropotopônimos* como nos *hagiotopônimos*.

Desse conjunto de nomes, chama-nos a atenção Fazenda *Otaviano Cuê* e Fazenda *Padilha Cuê*. O vocábulo *cuê*, conforme Sampaio (1987, p. 226), pode ser traduzido como “velho, antigo, o que já foi, o passado; velhaco, es-

⁹Qualquer palavra de forte valor afetivo, us. no trato familiar, que representa uma simplificação ou modificação do nome, como Toninho por Antônio, Dudu por Eduardo, Chico por Francisco, Zeca por José etc. (CALDAS AULETE).

perto, entendido”, e segundo Guasch e Ortiz (2001, p. 611), “-kue” é “*sufijo de pasado o de cosa separada de su propio sitio*”.¹⁰ O “sufixo”, nessa formação, funciona como uma espécie de apelido. Tavares (2004) observou na análise dos topônimos de acidentes físicos da região sul do Estado de Mato Grosso do Sul a ocorrência de vários topônimos formados com esse elemento, como, por exemplo, *Córrego Marcolina Cuê* (no município de Amambai); *Córrego Ladesina Cuê* (no município de Ponta Porã), *Córrego Félix Cuê* (no município de Angélica). Consideramos que a presença significativa de grupos Guarani/Kaiowá, falantes de guarani e kaiowá, na região ou em regiões próximas aos acidentes nomeados se constitui como motivo principal da ocorrência desse vocábulo nos nomes geográficos.

A quinta categoria mais recorrente no *corpus* foi a dos *hidrotopônimos*, ou seja, a dos nomes relativos à hidrografia. Foram os seguintes os designativos incluídos nessa taxa: *Água Azul* (povoado), *Fazenda Água Boa* (03), *Fazenda Água Branca* (02), *Fazenda Aguadinha*, *Fazenda Cabeceira da Onça*, *Fazenda Cabeceira Limpa*, *Fazenda Lagoa Bonita*, *Lagoa Grande* (povoado), *Fazenda Lagoa Rica*, *Fazenda Lagoinha*, *Fazenda Olho D’água*, *Fazenda Rego D’água*, *Fazenda Saltinho* (02). Como podemos observar, nessa categoria, é comum verificarmos a presença do fenômeno a que chamamos de toponimização, isto é, a transformação do nome genérico de um acidente geográfico em nome próprio – elemento específico (DICK, 1999, p. 135). Assim, um vocábulo como “lagoa”, em princípio elemento genérico que designa um tipo de acidente geográfico passa a ter a função de nome próprio em *Fazenda Lagoa Rica*, por exemplo. Esse é o caso, a propósito, da maioria dos nomes incluídos nessa categoria nesta pesquisa.

É evidente que a presença da água como elemento motivador na toponímia é muito frequente em qualquer recorte que se tome para a pesquisa toponímica. Sabemos que a água é indispensável para a sobrevivência humana. Em

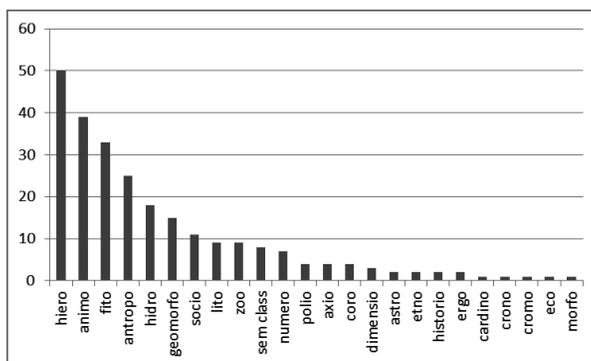
¹⁰ Sufixo de passado ou de coisa separada de seu próprio local (GUASCH; ORTIZ, 2001, tradução nossa).

razão da existência de um curso d'água em um local ou nas proximidades, surgiram e se desenvolveram de pequenos povoados a grandes civilizações. Em Mato Grosso do Sul, por exemplo, o segundo município mais importante surgiu próximo a um rio, conforme informam Campestrini e Guimarães: “Os primeiros habitantes de Dourados aí se fixaram a partir de 1884, formando o povoado de *São João de Dourados*, (próximo ao rio desse nome)” (2002, p. 227). O mesmo se aplica aos municípios de Aquidauana, Miranda, Corumbá, entre outros do Estado.

Dick, ao discutir “os vocábulos toponímicos básicos de origem hidrográfica” (1992, p. 66), trata da incidência do vocábulo *água*, e conclui que os nomes formados pela estrutura “substantivo (genérico toponímico) + adjetivo (termo específico)” são os mais comuns no panorama brasileiro. Essa tendência também foi observada no *corpus* deste trabalho, uma vez que esse item lexical aparece compondo quatro topônimos – Fazenda *Água Boa* (3), Fazenda *Água Branca*, Fazenda *Olho D'água*, Fazenda *Rego D'água*.

Se, no caso dos *fitotopônimos*, acabamos por constatar que a motivação é a presença das espécies vegetais no local ou próximas ao local nomeado, o mesmo parece acontecer com os *hidrotopônimos*; isto é, um elemento hídrico (cabeceira, córrego, lagoa, rego, rio...), ou as características de suas águas, em alguns casos (azul, branca, boa, limpa...), aparecem como nome próprio, nesse caso, de fazendas e outras localidades rurais.

Essas foram, conforme anunciado, as considerações sobre as categorias motivacionais mais recorrentes. No Gráfico 1, a seguir, podemos verificar a proporção da produtividade das *taxes* umas em relação às outras.

Gráfico 1: Produtividade das categorias toponímicas

Convém acrescentar que, nos primeiros estudos já concluídos, tendo como foco principal a toponímia de acidentes físicos – Schneider (2002), Dargel (2003), Tavares (2004), Gonsalves (2004) e Tavares (2005) –, as categorias de natureza física sobressaem em relação às de natureza antropocultural; já em relação aos nomes de acidentes humanos (rurais), as categorias de natureza antropocultural são as mais recorrentes, conforme se observa no Gráfico 1 – ao menos nesse recorte que ora apresentamos. Ainda assim, o ambiente físico, representado pelas espécies vegetais e elementos hídricos, continua aparecendo entre as categorias mais produtivas também nesse conjunto de topônimos.

Na sequência, apresentamos algumas considerações sobre a estrutura dos topônimos, nossa próxima perspectiva de análise.

Sobre a estrutura morfológica dos topônimos

Conforme já esclarecido, consideramos para a análise da estrutura dos topônimos, quatro possibilidades: *simples*, *simples híbrido*, *composto* e *composto híbrido*. Dos 252 nomes coletados, 119 são compostos, 111 são simples, 19 são compostos com vocábulos de línguas diferentes (híbridos) e 03 são sim-

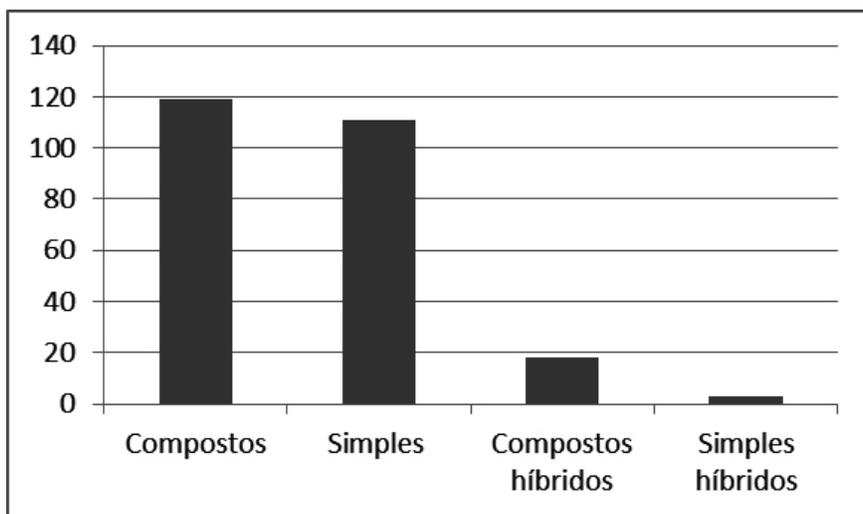
ples, formados a partir de morfemas de línguas distintas.

Como é possível verificar pelos números, a maioria dos nomes é de estrutura composta. Associamos a grande incidência de nomes *compostos* nesse recorte ao tipo de motivação que sobressaiu. Ou seja, vimos no Gráfico 1 que a categoria dos *hierotopônimos/hagiotopônimos* é muito produtiva em relação às demais, e quase a totalidade dos nomes incluídos nessa categoria é formada pelos vocábulos “santo(a)” e “são” acrescidos de mais um nome, isto é, são praticamente todos compostos de mais de um vocábulo (Fazenda *Santa Maria*, Fazenda *São Carlos*, Fazenda *Santos Anjos*...). Apenas essa categoria já contribui de modo significativo para o destaque dos nomes *compostos*, mas vimos que a composição é recorrente em nomes de várias outras categorias também (Fazenda *Barro Preto*, Fazenda *Três Crianças*, Fazenda *Toca do Lobo*...).

Já os topônimos de estrutura morfológica *simples* também são bastante produtivos. Temos, por exemplo, entre os *antropotopônimos*, vários que são constituídos apenas pelo primeiro nome ou apenas pelo sobrenome (Fazenda *Paloma*, Fazenda *Patrícia*, Fazenda *Almeida*, Fazenda *Amaral*); do mesmo modo, entre os *animotopônimos* e os *zootopônimos* há grande quantidade de nomes formados por apenas um elemento (*Engano* (povoado), Fazenda *Consolo*, Fazenda *Azulão*, Fazenda *Garça*).

Quanto aos topônimos *simples* ou compostos híbridos, consideramos mais oportunas algumas considerações que remetem às línguas de origem, no próximo item. A seguir, apresentamos o Gráfico 2, a partir do qual é possível visualizar a proporção das estruturas morfológicas dos topônimos do *corpus*.

Gráfico 2: Quantidade de topônimos em cada tipo de estrutura morfológica



Passemos, a seguir, a uma breve análise da origem linguística do conjunto de topônimos do *corpus*.

Sobre a língua de origem dos topônimos

A análise dos topônimos quanto a sua origem linguística nos permitiu verificar que a grande maioria, 192, é da língua portuguesa; 25 têm origem na língua tupi ou nas atuais línguas guarani e kaiowá, faladas na região por indígenas; 16 são nomes formados por palavras de língua portuguesa e palavras de línguas indígenas, nessa ordem ou em ordem inversa; o restante é de nomes formados de combinações entre a língua portuguesa e outras línguas – às vezes com apenas uma ocorrência.

Os topônimos de base portuguesa, como, por exemplo, Fazenda *Água Boa*, Fazenda *Barra Bonita*, Estância *Boiadeira*, são a maioria no recorte estudado. Em princípio, esse resultado parece evidente, considerando que nosso

único idioma oficial é a língua portuguesa. Temos que considerar, entretanto, que em relação aos acidentes físicos, em alguns municípios de Mato Grosso do Sul, a proporção de topônimos de origem indígena é superior aos de origem portuguesa. A título de exemplo, mencionamos o caso dos topônimos dos acidentes físicos coletados do município de Paranhos por Tavares (2004, p. 121). Dos 23 nomes coletados, 16 são de origem indígena ou são formados por um elemento de língua indígena: Córrego *Aguará*, Córrego *Caçapa-mi*, Córrego *Destino-Cuê*, Córrego *Guaçu*, Rio *Iguatemi*, Córrego *Ipeibu*, Córrego *Ipoi*, Córrego *Jataí*, Córrego *Leiva-Cuê*, Córrego *Mirim*, Córrego *Nhu-Guaçu*, Córrego *Pacuri*, Córrego *Pirai*, Córrego *Pirajai*, Córrego *Tacuapiri*, Córrego *Timbaúva*.

Reiteramos que se trata de um exemplo apenas, pois a ocorrência de nomes indígenas na toponímia de acidentes geográficos físicos, sobretudo na região sul de Mato Grosso do Sul é bastante significativa. Sobre a toponímia indígena, especialmente de origem tupi, Sampaio já havia observado:

[...] não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram [...]. (SAMPAIO, 1987, p. 63)

A análise dos designativos dos acidentes humanos da área rural de Dourados (MS), entretanto, evidenciou que a ocorrência de nomes indígenas como Fazenda *Jaguaretê*, Fazenda *Jaraguá*, Fazenda *Jatobá*, Fazenda *Yverá*, *Jaguapiru* (aldeia indígena) apareceram em percentual inferior ao que ocorre na toponímia dos acidentes físicos do sul de Mato Grosso do Sul. De acordo com Tavares (2004), essa seria a origem linguística de aproximadamente 30% dos topônimos de acidentes físicos da região.

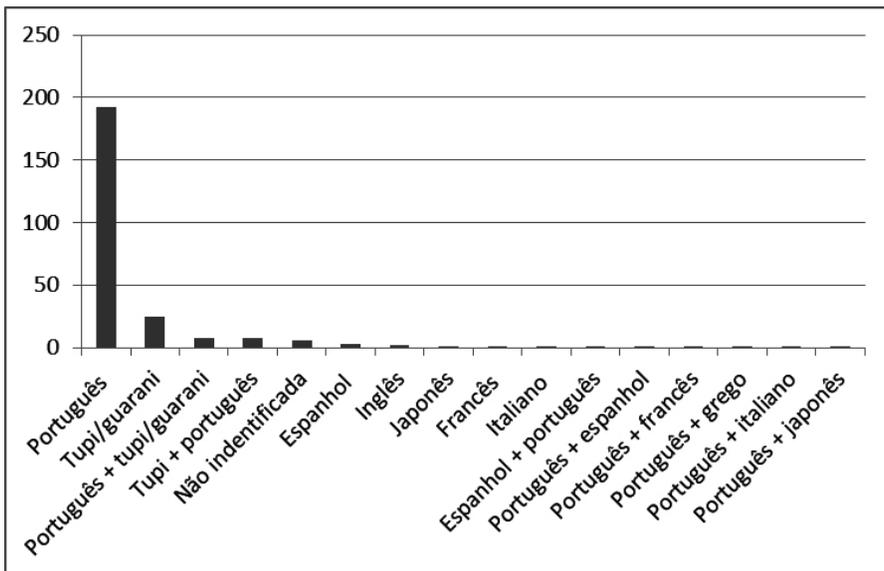
No que se refere aos topônimos híbridos, *simples* ou *compostos*, as maiores ocorrências são de formações de língua portuguesa com língua indígena

ou língua indígena com língua portuguesa. Os *híbridos simples* geralmente têm a base da língua indígena e um sufixo da língua portuguesa, como em Fazenda *Taquaral*, *Guassuzinho* (povoado); já os compostos aparecem nas duas ordens, ou seja, o elemento da língua indígena pode aparecer antes ou depois do elemento da língua portuguesa, como *Guassu Grande* (povoado), Fazenda *Bosque do Ipê*.

Entre os topônimos híbridos, destacamos Fazenda *Rincon Porã*. Esse designativo ilustra bem a situação de contato linguístico que pode ser observada na região – “rincon” (rincón) é palavra de origem espanhola (língua do país vizinho, o Paraguai) e “porã” é vocábulo muito produtivo nas línguas guarani e kaiowá da região.

O Gráfico 3 a seguir mostra a proporção quanto à origem linguística dos designativos.

Gráfico 3: Quantidade de topônimos de cada origem linguística



Convém esclarecer que essa diversidade de origens linguísticas ocorre, entre outras razões, pela presença dos antropotopônimos formados pelo primeiro nome de origem portuguesa e sobrenome de outras origens (italiano, japonês, por exemplo).

Mais algumas reflexões sobre o conjunto de topônimos analisados

Observando os dados coletados por Tavares (2004) e também o mapa do qual coletamos os dados para este trabalho, verificamos que praticamente todos os córregos da região “emprestam” seus nomes às fazendas, principalmente. A título de exemplo, citamos alguns casos no quadro que segue.

Quadro 2: Exemplos de nomes de córregos e nomes de fazendas (Dourados – MS)

Município: Dourados – MS	
Córrego <i>Boa Sorte</i>	Fazenda <i>Boa Sorte</i>
Córrego <i>Laranja Doce</i>	Fazenda <i>Laranja Doce</i>
Córrego <i>Potreiro</i>	Fazenda <i>Potreiro</i>
Córrego <i>Santa Maria</i>	Fazenda <i>Santa Maria</i>
Córrego <i>Varjão</i>	Fazenda <i>Varjão</i>

Em geral, classificamos esses nomes de fazendas, quanto ao seu plano motivacional, conforme os elementos/noções a que eles se referem – nesses exemplos: estado de espírito, vegetação, atividade profissional, santa, característica do solo, respectivamente. O estudo do processo de nomeação das fazendas e de outras localidades rurais, porém, deve ter em vista um aspecto distinto no que se refere à motivação: há diversos casos em que o elemento motivador é um elemento hídrico (córrego) e nesse sentido, a opção mais adequada talvez fosse considerar todos como hidrotopônimos. Mas esse será

um assunto para uma próxima discussão e para um pouco mais de reflexão, uma vez que também é possível argumentar que não foram os córregos os motivadores dos nomes das fazendas, e sim que os mesmos elementos que motivaram os nomes dos córregos motivaram os nomes de fazendas.

Considerações finais

Conforme proposta inicial, este trabalho apresentou uma análise panorâmica da toponímia das localidades rurais (fazendas e povoados) do município de Dourados (MS). Os dados coletados foram analisados e estão prontos para serem armazenados no banco de dados do Projeto ATEMS para outros estudos.

Reiteramos que foi possível verificar que, entre as categorias mais produtivas, a maioria são as de natureza antropocultural, com destaque para os *hierotopônimos*, os *animotopônimos* e os *antropotopônimos*, embora os *fitotopônimos* e os *hidrotopônimos* também se destaquem; no que se refere à estrutura morfológica, ainda que a quantidade de topônimos *simples* e a quantidade de topônimos *compostos* sejam aproximadas, verificamos que a tendência é pela composição; já em relação à língua de origem, o destaque foi para os da língua portuguesa, com percentual relativamente pequeno de designativos de origem indígena.

De modo geral, confirmamos a tese da influência do ambiente físico e cultural na toponímia. A ocorrência, por exemplo, de nomes de árvores que são comuns na flora local como nomes próprios de lugar é uma prova dessa tese; a escolha de nomes de santos e santas e vocábulos com carga semântica que remete a aspectos positivos também tem relação com o ambiente, nesse caso, com as características culturais dos habitantes do local.

A continuação dos estudos sobre a toponímia de acidentes humanos da área rural de Mato Grosso do Sul, que será realizada pela equipe de pesquisadores do Projeto ATEMS, poderá confirmar ou refutar, em alguma medida, o que verificamos como tendências nesta pesquisa.

TAVARES, Marilze. The toponymy of rural areas in the municipality of Dourados (State of Mato Grosso do Sul). **Revista do GEL**, v. 12, n. 2, p. 164-191, 2015.

ABSTRACT: *In this paper, we present trends in naming places/rural properties (farms, ranches, villages, etc.) in Dourados (MS), Brazil. The toponyms were collected from scanned maps (scale 1: 100,000), provided by IBGE (Brazilian Institute of Geography and Statistics) (2010), and they were analyzed according to the theoretical assumptions of Dick (1990, 1992) for a discussion about motivational aspects, morphological structure, and language of origin. The analysis showed that the motivational aspects that stand out in the nomination process are of antropocultural nature, particularly those related to religion context (hierotoponyms/hagiotoponyms) and impressions about the ground on the site (animotoponyms); concerning the form of toponymic signs, the composite structures prevail; and with regard to the linguistic origin, there is the prevalence of the Portuguese language with relatively low incidence of indigenous names, despite the significant presence of this population in the area surveyed.*

KEYWORDS: *Lexicon. Toponymy. Rural areas. Mato Grosso do Sul.*

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; BERGANTINI, Vivian. Nome e lugar: o lugar da mulher na toponímia paranaense. **Boletim Centro de Letras e Ciências Humanas**, Londrina-PR, v. 1, n. 42, p. 147-160, 2002.

ALINEI, Mario. O problema da datação em lingüística histórica. In: **Arqueologia Medieval**, Porto, Portugal: Edições Afrontamento Ltda., 1993. p. 5-16.

ASSIS, Ceci Fernandes de. **Avañe'ẽ-Portuge/Portuge-avañe'ẽ**. Dicionário guarani-português/português-guarani. São Paulo: Edição da autora, 2008.

BRASIL. **Censo 2010**. Disponível em censo2010.ibge.gov.br/. Acesso em: 3 set. 2013.

CAMPESTRINI, Hidelbrando; GUIMARÃES, Acyr Vaz. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Entre buritis e veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão sul-mato-grossense**. 2003. 190 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2003.

DICIONÁRIO ONLINE CALDAS AULETE. Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2015.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigação Lingüística e Teoria Literária**, v. 9. Recife: UFPE, 1999, p. 119-148.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1992.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

GONSALVES, Doraci da Luz. **Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos**. 2004. 185 f. (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2004.

GUASCH, Antonio; ORTIZ, Diego. **Diccionario castellano-guaraní; guaraní-castellano**. 13. ed. Paraguay: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”. Asunción, Paraguay, 2001.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. **Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 26, p. 422-428, 1997.

OLIVEIRA, Benícia Couto de. **A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937–1945)**. 1999. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) – FCL/UNESP, Assis, 1999.

SALAZAR-QUIJADA, Adolfo. **La Toponímia en Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, 1985.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Nacional; Brasília, DF: INL, 1987.

SCHNEIDER, Marlene. **Um olhar sobre os caminhos do pantanal sul-mato-grossense: a toponímia dos acidentes físicos**. 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2002.

TAVARES, Marilze. **Toponímia sul-mato-grossense: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina**. 2004. 214 f. (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2004.

TAVARES, Marineide Cassuci. **Estudo toponímico da Região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história**. 2005. 214 f. (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2005.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.